

NIETZSCHE E A CRÍTICA DA RELIGIÃO

Antônio Sérgio Mota da Silva¹

RESUMO

Nietzsche se configura como um dos maiores críticos da religião, especialmente do cristianismo. Neste trabalho são apresentados alguns pontos importantes de sua visão antirreligiosa. Ao longo de sua vida e de seus diversos escritos faz uma série de ataques à forma de vida dos que se dizem cristãos. O auge de sua crítica é a proclamação da “morte de Deus”. O filósofo também elenca os principais prejuízos à humanidade provocados pela moral cristã decadente. Entre outras coisas, ele demonstra que a forma dos cristãos conceberem o homem e o mundo impossibilitou o próprio homem de atingir de maneira mais rápida um alto estágio de desenvolvimento. Só mesmo fazendo Deus morrer é que restaria ao homem a possibilidade de se reconstruir por sua própria conta, se livrando da posição de submissão a um ser superior e de rebaixamento em relação aos outros. Através de um personagem (o louco), ele anuncia a morte de Deus, apontando a sociedade niilista de sua época como culpada. Foram os homens os autores do deicídio, que resultou no fim da cosmovisão metafísica que sustentava o ocidente. Com isso, foram abaladas a filosofia clássica, a escala de valores da sociedade e a moral cristã.

Palavras-chave: Nietzsche. Religião cristã. Morte de Deus. Niilismo.

ABSTRACT

Nietzsche is configured as a biggest religion critique, especially by the Christianity. In this work are showed some important point of view ant-religion. By his life and by his several writes he does a lot of attack to the way of living about those who say Christians. His critical peak is the “God death proclamation”. The Philosopher organizes too the main damage to the humanity provoked by the decadent Christianity moral. Among other things, he shows that Christian way of to receive the man and the world made impossible the same man of quickly way of a high developing stage. Only with God death proclamation it would be possible to the man to rebuild by himself, getting free of submissive position to a upper being and getting less high among others. By a character (the crazy), he announces the God death showing to a nihilist society of his time as duty. Men were responsible by the deicide that finished to the end of metaphysic cosmovision that supported west. With that it was shacked the classical philosophy, the value scale of the society and the moral christen.

Key-words: Nietzsche. Christian religion. God death. Nihilism.

¹ Licenciado em Filosofia e pós-graduando em Filosofia Contemporânea
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC
E-mail: silva-cz@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Friedrich Wilhelm Nietzsche (filósofo alemão) nasceu em Röcken, a 15 de outubro de 1844 e faleceu em Weimar, em 25 de agosto de 1900. É conhecido no mundo inteiro como o filósofo que atacou furiosamente o cristianismo e proclamou a “morte de Deus”. Lógico que ele tratou de outros temas, mas foi sua crítica à religião que lhe rendeu aplausos e vaias de todas as intensidades.

Segundo um dos comentadores da história da filosofia, o objetivo de toda a obra nietzschiana é “a destruição da religião a fim de tornar possível a superação do homem servil, mesquinho, fraco, imaturo, decadente, e, assim, preparar o advento do super-homem (ou, segundo a exegese mais recente, do além-homem)” (MONDIN, 1997, p. 176-177). Talvez ele não tenha tido essa pretensão – destruir a religião – entretanto, sua crítica ainda hoje causa mal estar em muitas pessoas.

Se o objetivo de Nietzsche era realmente esse, ele não o atingiu: a religião não foi destruída. Mas, como sugere um de seus personagens – o louco –, talvez esteja cedo para se perceber o tamanho do estrago que foi feito, ou talvez o ocidente já esteja dando sinais de que não quer mais ser cristão. Para o filósofo “o cristianismo é nocivo: mata as paixões e os instintos mais nobres; desde o começo é sacrifício: sacrifício da liberdade, do orgulho, da autoconsciência do espírito, e, ao mesmo tempo, submissão do próprio eu, automutilação” (NIETZSCHE *apud* MONDIN, 1997, p. 177).

Abaixo estão alguns elementos que apontam para um entendimento de sua crítica à religião cristã. Tudo está posto de forma sumária dando apenas pistas para, posteriormente, se buscar um maior aprofundamento naquilo que muitos chamam de “oceano Nietzsche”.

2 A CRÍTICA DE NIETZSCHE

De modo geral, hodiernamente, a religião, especialmente a cristã, enfrenta uma das maiores crises de sua história: o fato de ser tida como algo do passado, que não serve mais para o presente e não significará nada para as futuras gerações. Claro que essa é a concepção de apenas uma parte da sociedade. É bem verdade que hoje o sentimento religioso aflora nas pessoas com mais força e em muitos

lugares as igrejas nunca estiveram tão cheias como agora. Também é verdade que o número de denominações religiosas cresceu sobremaneira nos últimos anos.

Contudo, “hoje a religião é coisa de museu”, dizem. Isso principalmente depois das críticas de Friedrich Nietzsche nas quais declara a “morte de Deus”. Sua teoria central provocou novos desafios porque com essa declaração ele quer dizer que a fé cristã como fundamento da verdade e dos valores perdeu sua fidedignidade.

Para Nietzsche, a morte de Deus não é um caminho dialético como em Hegel, não é uma sexta-feira santa especulativa para chegar à Páscoa, mas a certeza definitiva de que a fé num Deus transcendente é absurda. E Nietzsche tira as últimas consequências na inversão de todos os valores morais, dissolvendo toda a filosofia da religião baseada na metafísica do absoluto. Reduz a religião a uma projeção do ressentimento (ZILLES, 2006, p. 250).

De acordo com o filósofo, essa constatação é positiva para o homem porque o liberta de diversos entraves dando-lhe a oportunidade de desenvolver suas próprias possibilidades. Com suas críticas ele não quer simplesmente atingir Deus, Cristo ou a Igreja, mas quer atacar a falsa imagem de homem que foi construída a partir da fé religiosa majoritária no ocidente. Também “não entra diretamente a avaliar as provas da existência de Deus, mas expõe as raízes psicológicas e experimentais de que surge a necessidade de Deus” (ESTRADA, 2003, p. 185). Para ele, o homem foi prejudicado em sua grandeza por ter se colocado nunca condição de rebaixamento e submissão diante daquele que é o absolutamente transcendente. Com essa visão está inaugurada uma nova forma de interpretar a religião.

Nietzsche tece diversas críticas contra a cultura europeia de forma geral, mas suas palavras pesam sobre a religião, e em particular o cristianismo, que para ele tornou-se um impedimento para o crescimento da vida do ser humano. Porém, a religião não pode deixar de ser considerada como parte integrante indispensável da vida dos povos, uma vez que é constatado que em todas as culturas há alguma espécie de sentimento religioso. O homem é um ser religioso; ao que parece, Nietzsche não levou isso em consideração. Mas a Revolução Francesa (1789) e outros acontecimentos do século XVIII trouxeram uma nova perspectiva antropológica, desvinculada dos dogmas religiosos e das orientações metafísicas.

Diante de tudo isso, está posto um verdadeiro problema que muito interessa ao filósofo.

Para Nietzsche, a religião não deve ser mais vista como parte constitutiva do existir humano; ela é como um abismo a ser ultrapassado para que o homem consiga viver a vida como de fato deve ser vivida. “A religião é um sistema que sacrifica o homem a partir de um projeto moral subjetivo que se legitima em Deus, que, como contrapartida, exige uma fé e uma obediência radicais” (ESTRADA, 2003, p. 184).

As questões existenciais sempre marcam a vida das pessoas e os filósofos não ficam de fora dessa regra. Especificamente as questões existenciais relativas ao sentimento religioso e ao saber sobre Deus tocam a vida dos que vivem em uma cultura marcadamente religiosa como a alemã. Nietzsche não foi uma exceção a essa regra. Ele era de família muito religiosa, pois seu pai era pastor luterano. Mas sua biografia foi marcada por fatalidades que o deixaram profundamente abalado (a morte de seu pai e de seu irmão prematuramente), contudo, não se pode dizer que isso resultou no seu afastamento da religião. Na obra “**Ecce homo**” ele faz a seguinte afirmação:

“Deus”, “imortalidade da alma”, “redenção”, “além”, todos esses são conceitos que nunca levei em conta; nunca com eles sacrifiquei o meu tempo, nem mesmo em criança; talvez nunca fosse bastante ingênuo para fazê-lo? Para mim o ateísmo não é nem consequência, nem mesmo um fato novo: existe comigo por instinto. Sou bastante curioso, suficientemente incrédulo, demasiado insolente para contentar-me com uma resposta tão grosseira (NIETZSCHE, 1983, §1).

Tudo aconteceu como num processo de várias etapas com diversos elementos influenciadores. Aqui não serão analisados os porquês da repulsa de Nietzsche em relação à religião e nem será feito um elenco dos fatores que contribuíram para o ateísmo daquele que durante muito tempo de sua vida se encaminhava para ser pastor como o seu pai. O fato é que, de uma vida devotada à fé e à espiritualidade cristã, passou a considerar a religião como produto da infantilidade humana, e não como coisa própria da dedicação de pessoas maduras e pensantes.

A vida de Nietzsche como escritor pode ser dividida em três fases: 1ª) de 1870 a 1876; 2ª) de 1876 a 1882, e; 3ª) de 1882 a 1888. Essa divisão é feita a partir da sequência cronológica dos escritos e pelas características de cada uma dessas

fases. Porém essa divisão não foi aceita pelo próprio filósofo e nem por muitos pensadores, chegando a ser considerada um tanto quanto arbitrária. De qualquer maneira, suas obras evidenciam o seu percurso espiritual e filosófico. Aqui só serão citadas algumas de suas obras mais importantes no tocante à crítica da religião.

Na sua primeira obra “**A origem da tragédia**” (*Die Geburt der Tragödie*) (1870-1871) ele faz algumas referências ao cristianismo e no prefácio da mesma obra, datado de 1886, demonstra-se anti-cristão. Em outros escritos dessa fase tece críticas ao estudo da História como “teodicéia cristã disfarçada” e à religião por difundir uma visão escatológica da história.

Também na segunda fase de seus escritos ele não poupa críticas ao cristianismo. Na obra “**Aurora**” (*Morgenröte*, 1881) afirma que o cristianismo inventou o pecado e propõe aos cristãos que façam a experiência de viver sem o cristianismo a fim de se obter a certeza de que ele é realmente necessário. Chama à atenção dos leitores o fato de que ele não faz críticas à pessoa de Jesus Cristo, ao seu modo de viver ou aos seus ensinamentos. Nietzsche critica severamente os cristãos em geral, o cristianismo e seu principal difundidor, Paulo de Tarso, autor de diversos escritos do Novo Testamento e um dos principais interpretadores da mensagem de Cristo. Segundo o filósofo, Paulo deturpou a mensagem original de Cristo e aquilo que ele pregou e escreveu em suas cartas não é o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, mas sim uma teologia criada erradamente pelo próprio Paulo.

Na terceira fase de seus escritos, ele publica “**Assim falou Zaratustra**” (*Also sprach Zarathustra*, 1883-1885), que consta de quatro partes. Já na primeira ele anuncia a “morte de Deus” e mostra um homem sem Deus que necessita crescer e superar-se, visto que é um ser inacabado e com potencialidades de ser sempre mais.

De modo geral, Nietzsche vê como grande problema das religiões, e particularmente do cristianismo, o fato de colocar a felicidade do homem não nas suas próprias possibilidades presentes, mas de projetar toda realização humana para o mundo futuro do além-túmulo. Conforme ele pensa, aquilo que as pessoas desejam viver no céu deve ser vivido na realidade existencial terrena, independentemente da fé, da religião, da Igreja, dos dogmas e de ter deixado o mundo presente. Essa é uma das tentativas de se superar a visão dualista impressa pelo platonismo em todo o mundo ocidental, que via na materialidade, na

corporeidade, na vida terrena, um mal implícito que devia ser superado pela elevação da alma à transcendência e pela total separação da pessoa da vida mundana. “Matar o corpo para salvar a alma” era uma espécie de filosofia fortemente combatida por Nietzsche e que estava impregnada na vida das pessoas de seu tempo e mais fortemente na mentalidade de gerações anteriores.

A visão platônica entende a vida presente como um fardo a ser carregado ou como uma subida ao calvário a ser enfrentada com dolorosa satisfação. Segundo o filósofo aqui apresentado, o que ajuda o homem na superação dessa concepção de vida é a libertação de um paradigma metafísico ou divino que dominou a moral e sacralizou os valores.

Na obra “**A gaia ciência**” (*Die fröhliche Wissenschaft*), datada de 1882, Nietzsche faz o bombástico anúncio da “morte de Deus”. Em 383 aforismos ele trata dos mais diversos temas, a saber, arte, política, moral, religião, conhecimento, verdade, entre os quais sobressaem as ideias do “eterno retorno” e da “morte de Deus”. Esse último tema perpassa o campo da filosofia e aproxima-se da teologia. Contudo, mesmo que o pensar nietzschiano extrapole o saber filosófico, aqui não serão tratadas as “teologias” acerca da “morte de Deus”.

Ao proclamar o “*réquiem*”² divino”, Nietzsche propõe uma transvaloração dos valores, porque tudo o que se liga a Deus perdeu seu sentido. Dessa forma, todas as coisas que tinham como paradigma moral o ser Deus tornaram-se infundadas, obsoletas, ultrapassadas. Em decorrência disso, emerge o niilismo como rejeição aos valores que estão postos como indispensáveis, insuperáveis e infalíveis.

A palavra *niilismo*³ é empregada por diversos pensadores com significados diferentes. Quanto a Nietzsche, o termo é usado para falar do resultado das diversas crises pelas quais a Europa passou e para expressar a percepção de que a crença na existência de Deus não tem mais sentido no seu tempo. Em outras palavras, o niilismo nietzschiano afirma o óbito de toda a metafísica e a total negação do absoluto enquanto sentido e base de qualquer dimensão ética.

Em “**A gaia ciência**” o filósofo assim se expressa:

² “*Réquiem*” é uma palavra latina que significa “descanso”. É utilizada nas orações e cantos fúnebres. “*Requiem aeternam dona eis, Domine. Et lux perpetua luceat eis. Requiescat in pace. Amen.*”: é uma antífona da liturgia exequial que quer dizer “Descanso eterno dai-lhe, Senhor; e a luz perpetua o ilumine. Descanse em paz. Amém.” Há orações e cantos dessa espécie na Igreja Católica mas também em diversas outras igrejas protestantes tradicionais. O defunto recebe as honras fúnebres com essas antífonas de sufrágio e intercessão. O descanso eterno após uma vida fatigada e a luz perpétua são os maiores desejos de um fiel que completa sua vida terrena.

³ O termo “**niilismo**” provém da palavra latina “*nihil*” que significa “nada”.

Nós nos aguçamos e tornamo-nos frios e duros com a percepção de que nada que sucede no mundo é divino, ou mesmo racional, misericordioso e justo pelos padrões humanos: sabemos que o mundo que habitamos é imoral, inumano e 'indivino' – por muito tempo nós o interpretamos falsa e mentirosamente, mas conforme o desejo de nossa veneração, isto é, conforme uma necessidade (NIETZSCHE, 2001, §346).

A filosofia positivista de Augusto Comte (1798 – 1857) contribuiu grandemente para a instalação dessa crise da metafísica e da religião. Para ele, a racionalidade e a ciência são os únicos referenciais seguros para a vida do homem. A religião está ultrapassada porque é o nível mais primitivo da existência humana e o homem moderno já descobriu novos horizontes da sua existência que não a imaginação e a utopia que, segundo Comte, se relacionam intimamente com a religião.

Essa espécie de racionalismo gerou uma forma de pensamento extremamente cético, não só em relação a Deus, mas também em relação ao futuro da própria humanidade. O fato de que tudo deve passar pelo crivo da verificação científica para ser verdadeiro e útil ao homem realizou uma “substituição” do Deus “declarado morto” pela razão e pela ciência, novos “deuses” absolutos do panteão do homem moderno. Entretanto, a razão e a ciência não são capazes de responder aos problemas mais íntimos do ser da pessoa. Daí uma outra crise se instala provocando mais insegurança.

Nietzsche mostra que a ciência se tornou como que uma nova crença e o cristianismo, como também o mundo, não tem nenhum significado. Dessa forma, o filósofo realiza a demolição dos edifícios da ontologia, da moral, da religião e da cultura. O niilismo é o estado de espírito resultante dessa demolição, do esvaziamento de tudo o que era absoluto, verdadeiro, irrevogável e bom. Nessa linha de pensamento, o cristianismo é a religião da decadência do homem, porque construiu um mundo ideal, muito distante de ser alcançado, um reino supra-sensível, em detrimento do mundo real, impedindo que ele se torne verdadeiramente livre e desenvolva pelas suas próprias forças os valores que ele considere os melhores para satisfazer sua vontade autônoma.

Deus era o ponto seguro para qualquer homem; o ser supremo era a fonte de sentido em meio a tantas coisas sem sentido algum. Mas o filósofo faz a dura constatação de que ele jaz, que ele não existe mais porque saiu da existência pela

porta da morte. Em meio a essa catástrofe universal insere-se o homem, um quase nada em relação ao absoluto; ele se vê sem alento, sem futuro, sem segurança diante do infinito espaço vazio aberto pela “morte de Deus”. Causa-lhe pavor saber que nada mais lhe resta, porque o Tudo foi subtraído da existência restando apenas o nada (*nihil*). Agora o nada existe como sentimento dominante e é a única verdade que reina incontestavelmente sobre a vida de todas as pessoas. Deixou de ser apenas uma categoria de não-ser e passou a ser absoluto em sua influência existencial.

O niilismo é também o sentimento de se sentir lançado num mundo labiríntico e incompreensível, sem se saber donde se vem e para onde se vai, é a sensação paralisante de completa estranheza, o sentimento opressivo de perplexidade no meio de uma situação impenetrável em que nos assemelhamos a Édipo, que assassinou o pai e partilhou o leito da mãe (FINK, 1983, p. 165-166).

Esse terrível estado de espírito que provocou insegurança e decadência na cultura europeia, russa, americana e de outros lugares está na raiz da “morte de Deus”. Outras formas de niilismo são a utopia liberal, a positivista, a socialista, a nazista e a marxista. Entretanto, Nietzsche não é o criador do niilismo e há quem sustente que ele não é niilista, chegando mesmo a ser um adversário dessa corrente. Para ele os valores continuarão a existir através da transvaloração dos valores, ou seja, é a vontade de poder do homem sendo capaz de criar novos valores para sua vida em detrimento do valor supremo por excelência (Deus) e daquilo que dele decorre. Mas, por causa desse último aspecto, a substituição do valor supremo que não tem mais sentido, Nietzsche é irremediavelmente adepto do niilismo, que é considerado o “mal do século”.

A constatação da “morte de Deus” e sua consequente proclamação pelo filósofo é feita somente depois em que se verifica o estabelecimento do niilismo. A decretação do “*requiem divino*” é a conclusão de um processo de averiguação feito em etapas. Só depois de observar a cultura decadente de sua época, a prática contraditória dos que se diziam cristãos e as frustrações existenciais das pessoas é que ele dá o diagnóstico: “Deus está morto”.

Em “**A gaia ciência**” ele narra um fato bastante curioso para expressar essa constatação. A seguir está o trecho completo do anúncio do “*réquiem divino*”:

O homem louco. – Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? – E como lá se encontrassem muitos daqueles que criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? Perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? Disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? – gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele. “Já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘em baixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. “Eu venho cedo demais”, disse então, “não é ainda meu tempo. Esse acontecimento enorme está a caminho, ainda anda: não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O corrisco e o trovão precisam de tempo, a luz das estrelas precisa de tempos, os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Esse ato ainda lhes é mais distante que a mais longínqua constelação – e no entanto eles o cometeram!” – conta-se também que no mesmo dia o homem louco irrompeu em várias igrejas, e em cada uma entoou o seu *Requiem aeternam deo*. Levado para fora e interrogado, limitava-se a responder: “O que são ainda as igrejas, senão os mausoléus e túmulos de Deus?” (NIETZSCHE, 2001, §125).

O evento narrado aconteceu no ambiente da ágora, lugar de encontro de pessoas de diversos tipos, lugar de diálogos, de negociações, acordos, comércio; a ágora é o lugar natural da metafísica e a suma de toda metafísica é Deus. Não havia outro lugar mais propício para se falar da putrefação divina.

Também o Apóstolo Paulo, que é sumamente detestado por Nietzsche, se utilizou de uma espécie de praça, o areópago, para anunciar o Deus cristão aos gregos. São dois anúncios novos, porém contrários. Paulo anuncia o absoluto necessário que vive eternamente, é vida e gera vida. O louco de Nietzsche denuncia o maior de todos os assassinatos. Na verdade o que Nietzsche quis mostrar é que para a sociedade ocidental moderna Deus não passa de uma teoria abstrata sem

incidência na vida das pessoas. O vazio existencial impregnado na cultura europeia é decorrente da transformação de Deus como ser existente e atuante em conceito irrelevante.

Os pensadores modernos ditos ateus, que se dizem esclarecidos e conscientes, não entenderam o significado de seu próprio ateísmo. O louco é o único consciente dos últimos acontecimentos; cabe a ele revelar a notícia bombástica. A “morte de Deus” se apresenta como uma louca realidade que deve ser percebida por todos, especialmente por aqueles que são os “culpados” e que ainda não tinham visto a drástica consequência de suas teorias e atitudes.

Os ateus são esclarecidos. O louco é louco. Mas é através deste que eles ficam sabendo que seu esclarecimento é cego. Ele lhes esclarece o motivo de procurar Deus e não o encontrar: “Nós o matamos – vocês e eu!” Com isto a coisa torna-se ainda mais louca; pois como se pode matar a Deus? Ou ele existe e, então, é o criador do mundo, não se deixando enfraquecer e muito menos matar pelas criaturas. Ou ele não existe e, assim, não poder ser assassinado. A gente pode quanto muito parar de pensar. O louco afirma então o terceiro excluído: Deus existiu realmente e foi realmente assassinado. Mais ainda: os assassinos, exceto um, que é louco, não tem qualquer noção do que fizeram (TURCKE, 1993, p. 28).

O louco é o único que tem a consciência sã, o único ajuizado. Todos os que se dizem normais não entendem que a situação está anormal. A lamparina do louco acesa em pleno dia revelou uma coisa que já estava às claras há algum tempo, porém ninguém tinha notado: o “fim” do Deus cristão e junto a isso a desvalorização dos valores morais e o esvaziamento da existência humana, gerando pessimismo e descontentamento com o mundo real.

Segundo Nietzsche, a religião não é uma prática libertadora, mas pelo contrário, oprime a alma humana transformando os instintos vitais em algo negativo. Dentre outras coisas, ele afirma que o cristianismo aprisiona o homem em propósitos e objetivos metafísicos, que para ele é algo ruim a ser superado. A religião cristã com sua moral teria transformado o homem de ser vigoroso, guerreiro e desperto em um animal de rebanho, servil, enfraquecido e cego. A Igreja seria inimiga da vida verdadeiramente humana e o conceito de Deus difundido pelo cristianismo seria a maior objeção contra a existência.

Em lugar do conceito de Deus, Nietzsche quer estabelecer o de ciência. Contudo, do materialismo passou-se rapidamente para o niilismo, o vazio existencial e axiológico. A repercussão do deicídio significa não só que o Deus cristão está

“enterrado” nos escombros de um mundo ultrapassado, mas que toda a metafísica, incluindo as concepções de Platão e Aristóteles, não serve mais como fundamento para responder aos anseios do homem moderno, que possui uma nova cosmovisão.

O ideal de vida proposto pelo cristianismo, influenciado pelo platonismo, é por demais abstrato, quimérico e isolado do mundo real, negligenciando o aqui e agora. Ademais, os cristãos estariam muito distantes do que Jesus Cristo ensinou e viveu. O único cristão verdadeiro teria morrido na cruz.

Os cristãos nunca praticaram os atos que Jesus lhes prescreveu: e a desavergonhada conversa fiada sobre “fé” e sobre “justificação pela fé”, cuja suprema e única relevância é apenas a consequência de a Igreja não ter o ânimo nem a vontade de reconhecer as obras que Jesus exigiu (NIETZSCHE, 2002, p. 203).

Para Nietzsche, além da prática dos cristãos ser incoerente com os ensinamentos de Jesus Cristo e de ser impossível viver a fé cristã em sua essência, a moral do cristianismo é apresentada como uma moral do escravo, porque ela impede o crescimento natural do ser humano ceifando a sua vitalidade com base em regras escritas e preceitos morais.

Na filosofia nietzschiana o mundo terreno seria a única fonte de significado para a vida e o homem não precisa mais crer-se uma alma imortal. Ele precisa ousar, criar novos valores e superar o niilismo. Para isso, também tem que morrer o velho homem que foi formado nos velhos paradigmas e dar lugar a um homem totalmente novo, o “*Übermensch*” (além-homem), que constrói sua vida na liberdade e que enxerga outras possibilidades que não as impostas pela sua cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta modesta pesquisa surge uma pergunta: quem é o verdadeiro louco? Seria o personagem criado por Nietzsche, que é “louco” de nome, mas que tem consciência dos atos criminosos dos assassinos de Deus? Ou será que louco é o próprio Nietzsche, que teve coragem de levantar sua voz na sociedade de sua época e gritar coisas aparentemente absurdas à primeira vista, mas que contém uma verdade profunda que deve levar a todos a uma séria reflexão? Ou será que loucos são todos os que têm consciência da mensagem do filósofo, mas que

continuam levando sua vida na mediocridade como se nada grave estivesse acontecendo na sociedade dita cristã?

Na verdade todos são loucos e ao mesmo tempo ninguém está fora de sua razão. Parar para pensar no significado do ateísmo teórico de Nietzsche é enlouquecer, porque foge dos padrões de normalidade do pensamento deste tempo presente. O que todos querem, ou ao menos a maioria, é a felicidade nesta vida e, se tiver outra no além, ser plenamente feliz por lá onde quer que seja.

As pessoas preferem manter as mesmas atitudes dos contemporâneos do louco de Nietzsche: continuar a vida como se tivessem fé, como se almejassem os ideais metafísicos, como se Deus existisse, como se fossem cristãos autênticos à maneira de Cristo, como se o evangelho fosse a orientação para sua vida. O louco, no dia de sua aparição no mercado, percebeu que estava à frente de seu tempo. E mais: ele ainda está muito à frente deste tempo. A sociedade continua incoerente como antes e a crítica de Nietzsche continua sendo válida.

O ideal de vida proposto pela religião para o “além-história” não combina com o “além-homem” nietzschiano que prefere viver o “*hic et nunc*” (aqui e agora) maximizando suas potencialidades sem esperar por aquilo que poderá nunca chegar. Não que o horizonte cristão não seja válido, ou que o evangelho de Jesus Cristo não seja a melhor maneira de se viver em civilização, mas é que da maneira como o homem se dispõe em viver este ideal ele se apresenta como irrealizável, porque o homem não está disposto a levar às últimas consequências a sua fé. Basicamente vive na mediocridade.

Nietzsche não tem toda razão em tecer suas críticas. Há pessoas humanamente desenvolvidas, assim como ele propunha, que tem fé e que projetam para o infinito sua plena realização. Se muitos vivem como se Deus estivesse morto, há outros que o fazem a razão de sua vida. Se na sociedade há sinais do mau cheiro da “putrefação divina”, há também o suave perfume das flores primaveris do jardim do Ressuscitado. Mesmo Nietzsche sendo extremamente pessimista e tendo alguma razão, nem tudo está perdido.

Se nas ruas e nas praças ouve-se o ecoar do “*réquiem aeternam deo*”, nas igrejas se canta o “*ressurrexit sicut dixit*”, que é um anúncio de esperança para todo homem que se orienta pela metafísica e crer nos valores absolutos, e o incentivo

para se refazer a prática cotidiana com o fim de ser sempre melhor e de alcançar um patamar de vida que seja reflexo daquilo que se deseja viver na eternidade.

Não é preciso “matar Deus” para o homem crescer. Há espaço para os dois; e mais: o homem só pode crescer verdadeiramente se ele desenvolver bem todas as suas dimensões vitais, e a dimensão religiosa não pode ser excluída disso e classificada como primitiva. O homem depois de Nietzsche precisa cada dia mais repensar seu jeito de construir cultura, mas sem excluir aquilo que é o fundamento da verdade, dos valores, do bem, da razão, da felicidade e da evolução: Deus, que vive e reina pelos séculos, mesmo que loucos digam o contrário.

REFERÊNCIAS

ESTRADA, Juan Antonio. **Deus nas tradições filosóficas**: da morte de Deus à crise do sujeito. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2003.

FINK, Eugen. **A filosofia de Nietzsche**. Porto: Editorial Presença, 1983.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus?**: elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. 3. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

_____. **Ecce homo**. 9. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

_____. **El anticristo**. 10. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

_____. **Fragmentos finais**. Brasília: Editora UNB, 2002.

TÜRCKE, Christoph. **O louco: Nietzsche e a mania da razão**. São Paulo: Vozes, 1993.

ZILLES, Urbano. **Situação atual da Filosofia da Religião**. v. 36. Nº 151. Rev. Trim. Porto Alegre: Mar. 2006, p. 239-271.